

Graphy

NÚMEROS 1&2
PROVAS DE PÁGINA
DO TERCEIRO NÚMERO

EDIÇÃO FACSIMILADA

C O N T E X T O

S|hi

ORPHEU

EDIÇÃO FACSIMILADA

CONTEXTO

S|hi

Agradecimentos

Dr. Vilhena de Carvalho

1.ª edição facsimilada: Junho de 1989 – 3000 exemplares
2.ª edição facsimilada: Janeiro de 1994 – 2000 exemplares

Impressa por Companhia Editora do Minho – Barcelos
para Contexto, Editora, Lda.

Rua da Rosa, 105, 2.ª-Dtº. – 1200 Lisboa
Tel.: 347 97 69 - 342 92 87 – Fax: 347 97 70

Depósito legal: 74 654/94
ISBN 972-875-076-4

ORPHEU CONTINUA

1915, publicação dos dois números de *Orpheu*, que em grafia arcaica marcou a História.

1924-1925, publicação de *Athena*, mesmo estilo de título, mesma senda de transformação.

Orpheu foi um gesto poético colectivo; *Athena* a encenação de um «drama em poetas» por Fernando Pessoa, seu director literário e autor, actor e tradutor de metade dos seus textos.

1935, uma comemoração: na revista *Sudoeste*, de Almada Negreiros, «*Orpheu* continua», como escreve Fernando Pessoa no intróito. Seguem-se poemas inéditos de quase todos «os de *Orpheu*». Mas a segunda parte de *Sudoeste* é dedicada à *Presença*, e aí João Gaspar Simões declara a sua como a revista com um corpo de doutrina colectiva, por oposição a *Orpheu*, breve conluio de circunstâncias felizes, sem existência «como movimento harmónico e conexo». O que significa antes de mais que *Orpheu* já é sinédoque de Modernismo, revista-sígnio de um momento, cujo nome passou a identificar uma geração e uma poética.

1965, outra comemoração: trinta pequenas páginas em cartolina articulada com a assinatura de Almada Negreiros, *Orpheu 1915-1965*, onde se define como característica da modernidade «o encontro das letras e da pintura».

Este «encontro» é mais que uma figura de retórica. A monumental obra de Almada, ao longo de muitas décadas, é o exemplo acabado dele. Mas em *Orpheu* vê-se um conceber plástico dos textos (que a directa referência ao Futurismo implica) ou da relação entre eles e os «hors-texte».

Maior razão tem o presente fac-símile.

(Com pequenos resultados assinaláveis: o equívoco, longamente acalentado pela edição da *Ática*, de um segundo poema «futurista» de Mário de Sá-Carneiro intitulado *Apoteose*, pode claramente ser corrigido.)

Mais do que qualquer revista do Modernismo, se exceptuarmos *Portugal Futurista*, *Orpheu* compõe-se duplamente nas palavras dos textos e no texto gráfico das páginas, como se nelas se inscrevesse a própria estrutura dos poemas.

Orpheu, assim, recomeça. Pode dar-se a ler de novo.

A muito extensa bibliografia sobre *Orpheu* inicia-se poucos dias após a publicação do primeiro número, em Março de 1915, com a reacção pública de recusa e insulto. Houve uma revista (do Parque Mayer) com um número intitulado «O Diabo a Quatro». (Um livro de Nuno Júdice historia tudo isso, *A Era do «Orpheu»*.) Só a *Presença*, doze anos depois, saberá ler a revista, fazê-la sair das órbitas concêntricas do escândalo geral e da roda de iniciados.

E, no entanto, *Orpheu* é uma revista de poesia. Não tem um texto de outro género (à excepção das duas páginas introdutórias de Luís de Montalvor: não podia faltar a declaração de princípios). Não inclui nem manifestos, nem ensaios, nem recensões, nem notícias, nem sequer narrativas, pois às páginas de prosa que assinam Almada ou Raul Leal são poemas também.

Quanto ao número 3 de *Orpheu*, que chegou a estar em provas de tipografia mas só em 1984 foi publicado (Ática e, em fac-símile, Nova Renascença), mantinha o mesmo princípio. Albino de Menezes, Augusto Ferreira Gomes e Castello de Moraes aí escreveriam muito canónicos poemas em prosa. Género de eleição do Simbolismo, que o Modernismo integra.

Claro que há ainda a referir o caso de *O Marinheiro — Drama Estático em Um Quadro*. Mas Teresa Rita Lopes (em *Fernando Pessoa et le Drame Symboliste*) mostrou a sua natureza de poema dramático, vértice sensacionista das «ficções» do trabalho poético. Vértice de todos os géneros.

Uno no projecto, portanto, *Orpheu*.

O malogro do terceiro número, que o pai de Mário de Sá-Carneiro se recusou a pagar, aparece motivado, ainda, e por estranho que pareça, pela heterogeneidade mesma das suas poéticas, quase parecendo um número de compromisso, entre *A Cena do Ódio* e as nebulosidades diáfanas. A força dos dois únicos números publicados vem de tão perfeitamente se equilibrarem, à composição de tonalidade intertextual simbolista do primeiro se sucedendo a violência de ruptura do segundo (Ángelo de Lima, Mário de Sá-Carneiro, Raul Leal, Álvaro de Campos, Fernando Pessoa), com a *Ode Triunfal* a estabelecer o *raccord* entre os dois.

Força de que se gerou este século de poesia.

Fernando Cabral Martins